

## Montaigne e a utilidade dos saberes<sup>1</sup>

**Maria Cristina Theobaldo**

*Departamento de Filosofia*

*Universidade Federal de Mato Grosso*

**Resumo:** Nos *Ensaios*, a partir da crítica aos estudos liberais e às ciências, são mobilizados argumentos em torno da utilidade do saber. Montaigne faz ver que a utilidade do saber reside no exercício ético reflexivo que promove, daí, o revés crítico estender-se também à inoperância moral da filosofia da *eschole*. A “verdadeira filosofia”, acessível quando à maneira montaigniana, assume o posto de mais prioritária e útil por disponibilizar subsídios para a moralidade. Abdicando de prescrições normativas, a investigação filosófica relativa à ética engendra uma sabedoria voltada para o bem viver. É este ganho reflexivo e prático que instaura a “verdadeira filosofia” como formadora da conduta e do julgamento.

**Palavras chave:** Montaigne; filosofia; ética; utilidade; julgamento.

**Abstract:** In the *Essais*, from the criticism of liberal studies and science, are mobilized arguments about the usefulness of knowledge. Montaigne points out that the usefulness of knowledge lies in the reflective exercise that promotes ethical, hence the critical setback also extend to the moral failings of the philosophy of *eschole*. The “true philosophy”, accessible when the montaignian way, assumes the highest priority and useful for providing subsidies to morality. Abdicating of normative prescriptions, the philosophical inquiry on the ethics engenders wisdom towards right living. Is this reflective and practical gain that introduces the “true philosophy” as a formation of a conduct and the judgment.

**Keywords:** Montaigne; philosophy; ethics; utility; judgment.

---

1 Este texto traz e complementa extratos da tese (doutorado) *Sobre o “Da educação das Crianças”: a nova maneira de Montaigne*. FFLCH/USP, 2008.

O Renascimento é herdeiro do programa das artes liberais estabelecido pelos medievais. Tal herança é constantemente tencionada pela radical adesão renascentista ao patrimônio filosófico grego e latino, e encontra no *studia humanitatis*, marca constitutiva e modelar dos humanistas, um novo redimensionamento para os programas de estudo até então em curso: a gramática passa a assumir o papel de propedêutica e a retórica se consolida como eixo principal do projeto cultural humanista. Apesar do horizonte comum de inspiração nos clássicos antigos, e, animado por uma perspectiva de renovação intelectual e social, não há no *studia humanitatis* um território homogêneo de preocupações e interpretações; antes, distintos tratamentos e variadas polêmicas são aí engendradas, provocando ora a projeção da ética, ora da estética, o mesmo ocorrendo com a história e a política<sup>2</sup>.

Em Montaigne encontramos dois arranjos sobrepostos no que concerne aos estudos das artes e das humanidades. Um deles corrobora, com entusiasmo moderado, o destaque às Letras, acompanhando, assim, a perspectiva mais comum entre os humanistas (Erasmo aqui é exemplar e também uma influência importante para Montaigne<sup>3</sup>). O outro, na contramão dos seus contemporâneos, retira do centro do *studia humanitatis* a retórica, substituindo-a pela prevalência da filosofia. Nossa objetivo, aqui, se detém em apresentar as considerações montaignianas em que

---

2 Conferir em GARIN, *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994; BRANDÃO, C. A. L. *Quid Tum? O combate da arte em Leon Battista Alberti*. Belo Horizonte: Ed. Unesp, 2000; CARDOSO, S. “Montaigne: uma ética para além do humanismo”. In *O que nos faz pensar*, nº 27. Rio de Janeiro, 2010.

3 Conferir em PINTO, F. M. “O De ratione studii (ou Plano de Estudos), de Erasmo de Rotterdam”. *Letras Clássicas*, v. 13. São Paulo, 2013.

assentam a segunda posição. Trata-se de tema recorrente nos *Ensaios*<sup>4</sup> - a utilidade do saber.

Um conhecimento útil, segundo Montaigne, deve mostrar alguma associação com a prática e a ação, estar a serviço da vida: “[A] De que utilidade podemos considerar que tenha sido para Varrão e Aristóteles esse entendimento de tantas coisas? Isentou-los dos inconvenientes humanos? [...] Obtiveram da Lógica algum consolo contra agota?”<sup>5</sup>; no limite, o próprio saber pode se tornar inútil: “Toda essa nossa sapiência, que está além da natural, é mais ou menos vã e supérflua. Já é muito se ela não nos sobrecarregar e perturbar mais do que nos serve.”<sup>6</sup>. Como veremos, os argumentos relativos à preeminência da filosofia apontam tanto para uma crítica ao seu valor e sua utilidade no interior do *studia humanitatis* e mesmo junto às artes, quanto para uma nova compreensão da forma e dos assuntos da filosofia. Estes últimos estão diretamente relacionados à utilidade da filosofia, notadamente sua participação no exercício do julgamento e na conduta moral. A filosofia não será apenas mais uma ou a última matéria a fechar o ciclo de estudos. Será a primeira, a mais

---

4 As referências aos *Ensaios*, Livros I, II e III, são todas da edição da Martins Fontes, tradução de Rosemary Costhek Abílio. A edição francesa é da PUF, estabelecida por P. Villey, conforme o exemplar de Bordeaux. As letras A, B e C entre colchetes designam as passagens que Montaigne foi acrescentando às publicações anteriores. São três “camadas” de texto: ‘A’, da primeira edição, em 1580; ‘B’, segunda edição, em 1588; e ‘C’, edição póstuma de 1595, segundo o manuscrito de Bordeaux (designação para o exemplar da segunda edição dos *Ensaios* com acréscimos, encontrado após a morte). Em todas as referências aos *Ensaios* os números em romanos correspondem aos livros e os em arábicos aos capítulos.

5 MONTAIGNE. *Ensaios*. Livro II, 12. p. 230 - 231. *Les Essais*. p. 487.

6 Id., *Ensaios*. Livro III, 12. p. 383. *Ibid.*, p. 1039.

prioritária e mais útil, e isso por um motivo fundamental: “[C] Entre todas as artes liberais, começemos pela arte que nos faz livres. Elas todas servem em certa medida para a instrução de nossa vida e para o uso desta [...]. Mas escolhemos aquela que serve diretamente e profissionalmente.”<sup>7</sup>.

O que há na filosofia de próprio e de exclusivo que “diretamente e profissionalmente” torna os homens livres? A resposta, quando localizada a partir do quadro dos estudos liberais, pressupõe um movimento que de início não se faz explícito; contudo, recorrente entre os humanistas e já presente em Petrarca, pode ser caracterizado pela crítica ao desempenho infrutífero da escolástica no campo da conduta moral. A filosofia carece, então, de se transformar na “verdadeira filosofia”<sup>8</sup>, diferente daquela praticada na *eschole*. Ao encontro desses argumentos, as posições de Montaigne são dirigidas tanto à filosofia, quanto às artes.

## 1. Crítica às Artes e às Ciências

Em várias passagens dos *Ensaios* as artes e as ciências são caracterizadas como menores ou como estudos secundários, se comparados aos ganhos alcançados com os estudos filosóficos. Ao valor relativo das artes, contrapõe-se o valor inestimável da “verdadeira filosofia”, pois é dela, ao contrário das primeiras, que extraímos as lições práticas para a vida. No capítulo “Da fisionomia” encontramos, entre tantos outros, um argumento que sinaliza o demérito da ciência:

---

7 Id., *Ensaios*. Livro I, 26. p. 237-238. Ibid., p. 159.

8 Ibid., p. 228. Ibid., p. 151 - 152.

Sua aquisição é muito mais arriscada que a de qualquer outro alimento ou bebida. [...] as ciências, já de início não podemos colocá-las em outro recipiente que não nossa alma: engolímos-as ao comprá-las e saímos do mercado já contaminados ou melhorados. Há algumas que não fazem mais que nos obstruir e nos empanturrar em vez de alimentar, e outras ainda que a título de curar nos envenenam.<sup>9</sup>

Ou, no capítulo “Apologia de Raymond Sebond”: “[A] Acaso se descobriu que a voluptuosidade e a saúde sejam mais deleitosas para quem conhece a astronomia e a gramática?”<sup>10</sup>. Há também o registro do irônico comentário de Anaxímenes se dirigindo a Pitágoras: “Sendo atacado por ambição, avareza, temeridade, superstição, e tendo dentro de mim tantos inimigos da vida, irei eu pensar no movimento do mundo?”<sup>11</sup>.

A efetiva utilidade do saber está diretamente implicada no que Montaigne considera como constituinte das reais necessidades da vida. A mais urgente delas, como o elenco de citações acima apresentadas permite inferir, diz respeito às questões em torno da moralidade. O parâmetro para a escolha do que é prioritário nos estudos fica, então, explicitado: se não é útil ao julgamento moral, melhor que fique de lado ou que fique para depois. O argumento sobre os assuntos prioritários na formação dos jovens elucida este ponto: “[A] Depois que lhe tiverem dito o que é próprio para fazê-lo mais sábio e melhor, falar-lhe-ão sobre o que é a lógica, a física, a geometria, a retórica; e a ciência que escolher, tendo já o

---

9 Id., *Ensaios*. Livro III, 12. p. 382. Ibid., p. 1039.

10 Id., *Ensaios*. Livro II, 12. p. 230 - 231. Ibid., p. 487.

11 Id., *Ensaios*. Livro I, 26. p. 239. Ibid., p. 160.

discernimento formado, ele muito em breve a dominará.”<sup>12</sup>.

A dedicação conferida ao estudo da ciência não é assunto menor e se transforma em recomendação no início do capítulo “Da educação das crianças”, Livro I, 26, quando Montaigne, dirigindo-se à Sra. de Foix, aconselha aliar a eficiência da ciência ao preparo moral de quem a ela se dedica: “[A] Senhora, a ciência é um grande ornamento e uma ferramenta de admirável utilidade [...]”, apesar disso, “[...] em mãos vis e baixas ela não tem a sua justa utilidade.”<sup>13</sup>. No mesmo capítulo, algo similar é novamente assinalado nos comentários sobre a educação de Alexandre: em primeiro lugar, a prevalência da filosofia sobre as demais artes (no caso a lógica e a geometria), visando garantir a formação moral; e, em segundo, a possibilidade de dedicação ao estudo das artes, contanto que sem finalidades relacionadas ao ganho ou às conveniências sociais<sup>14</sup>. O resultado do auxílio da filosofia no fortalecimento do caráter coopera para um adequado julgamento das artes e ciências, faz resistir aos prazeres oferecidos pelas Letras e ao desejo de a elas se dedicar incondicionalmente. A filosofia, assim, desempenha a função propedêutica de preparar para futuras escolhas e, também, a de auxiliar na adequada medida de dedicação às ciências. De dois exemplos, evidencia-se uma única decorrência: as ciências são de pouca utilidade se o julgamento moral não estiver presente.

---

12 Ibid., p. 239. Ibid., p. 160.

13 Ibid., p. 223. Ibid., p. 149. Sobretudo, Montaigne adverte: “[A] Orgulha-se muito mais em ceder seus recursos para organizar uma guerra, comandar um povo, conquistar a amizade de um príncipe ou de uma nação estrangeira do que em estabelecer um argumento dialético, ou em defender uma apelação, ou em receitar um amontoado de pílulas”. Ibid., p. 223. Ibid., p. 149.

14 Ibid., p. 239. Ibid., p. 160.

O estudo das artes e ciências, quando sem o firme discernimento, afora não contribuir diretamente para a *sagesse*, pode resvalar em vaidade e fantasias na dimensão inversa de sua utilidade. A crítica à vaidade da razão e suas consequências céticas, tem no capítulo “Apologia de Raymond Sebond” os argumentos nucleares<sup>15</sup>. Ali, aliada às críticas a propósito da presunção humana de tudo querer e acreditar poder conhecer, decorre a necessidade de se avaliar a extensão da fragilidade dos discursos das ciências para, posteriormente, equacionar o crédito a ser conferido às suas asserções e ao uso que proporcionam.

A questão em torno dos fundamentos das ciências e das artes encontra exemplo significativo no que ficou conhecido como “Querela das Artes”, acirrado debate iniciado no século XIV e com repercussões até o século XVI, inclusive nos *Ensaios*<sup>16</sup>. O embate central gira em torno da disputa entre os defensores da jurisprudência e os da medicina pelo lugar de maior destaque (dignidade e nobreza) no quadro dos saberes. Os debatedores põem em questão os fundamentos epistemológicos dessas ciências, na tentativa de comprovar qual delas se notabiliza em consistência teórica (“solidez dos fundamentos”) ou na coerência de procedimentos (“certeza do método”). Montaigne, no capítulo “Da experiência”, Livro III, 13, parece retomar tais argumentos, porém, o faz com declarada intenção de desqualificar ambos (os discursos do direito e os da medicina). Na jurisprudência as leis não encontram respaldo seguro nem nos fundamentos e nem na

---

15 Sobre o tema do ceticismo em Montaigne, ver EVA, L. *A figura do filósofo: ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Loyola, 2007.

16 Sobre a Querela das Artes, ver SCORALICK, A. *Experiência e moralidade no último dos Ensaios de Montaigne*. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, 2008.

sua aplicação, estão à mercê das conveniências e dos costumes; na medicina, os procedimentos são duvidosos e ineficazes.

Ao final, das ciências e das artes “restam incertezas e querelas”<sup>17</sup>, a precariedade dos seus fundamentos e procedimentos põe em risco o estatuto que pleiteiam entre os saberes e a utilidade que apregoam seus partidários.

## 2. “Verdadeira filosofia”

A filosofia que Montaigne defende está enfaticamente conectada à vida, o que nos permite compreender a crítica ao que considera verborragia e sutilezas (ergotismos) indevidamente anexadas ao seu sentido mais fundamental, responsáveis por provocar seu afastamento dos assuntos dos homens: “[A] [...] tendo reconhecido os verdadeiros bens, que desfrutamos à medida que os reconhecemos, contentar-vos-eis com eles [...]. Tendes aí o conselho da filosofia verdadeira e natural, não de uma filosofia ostentatória e verborosa [...]”<sup>18</sup>. Somente a “verdadeira filosofia” ou filosofia moral, na medida em que abarca o conjunto de reflexões sobre o agir, e as molas que o impelem, assume, mais que qualquer outra arte, posto de destaque. Esta filosofia, e não aquela da *eschole*, nos faz livres justamente por disponibilizar subsídios para a conduta moral ativa. Ou, dizendo de outra forma, a filosofia nos faz livres porque seus alvos são a virtude e a sabedoria prática.

Interessam, portanto, as reflexões filosóficas que possam colaborar com a formação do caráter e o agir: o que deve ser

---

17 MONTAIGNE. *Ensaios*. Livro III, 13. p. 426. *Les Essais*. p. 1067.

18 Id., *Ensaios*. Livro I, 39. p. 369. Ibid., p. 248.

perseguido e o que deve ser evitado em nossos atos; que ensinamentos conduzem à virtude e quais ajudam a evitar os vícios; como nos conduzir em sociedade; como chegar ao domínio dos desejos. Os versos de Pérsio, citados no capítulo 26 do Livro I, resumem bem a vinculação prática da filosofia com a vida: “O que é permitido desejar; para que serve o dinheiro tão difícil de ganhar; em que medida devemos devotar-nos à pátria e à família.”<sup>19</sup>. São temas da tradição filosófica condensados em um inventário de questões essenciais para o bem viver.

Montaigne segue de perto a filosofia antiga, que recomenda não só o conhecimento das virtudes, mas, sobretudo, o exercitar-se nelas, transformando-as em hábitos que forjam o caráter virtuoso. Logo, palavras não são suficientes; é preciso praticar. O registro do comentário de Plutarco sobre a educação de Alexandre vem exemplificar e autenticar a pertinência dos assuntos da filosofia moral e a recomendação de sua prática imediata, deixando clara a filiação à ética aristotélica<sup>20</sup>.

[A] Sou da opinião de Plutarco, de que Aristóteles não ocupou tanto seu grande discípulo com a arte de compor silogismos, ou como os princípios de geometria, como em instruí-lo nos preceitos corretos sobre valor, coragem, magnanimidade e temperança, e na segurança de nada temer; e com esta munição enviou-o ainda criança para conquistar o império do mundo [...]. As outras artes e ciências, diz ele, Alexandre honrava-as bem, e

---

19 *Sátiras*, III, 69. *Ibid.*, p. 237. *Ibid.*, p. 158.

20 A este respeito, podemos lembrar o mote aristotélico: “No tocante à virtude, pois, não basta saber, devemos tentar possuí-la e usá-la ou experimentar qualquer outro meio que se nos antepare de nos tornarmos bons.”, ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, Livro X, 9, 1179b.

louvava-lhes a excelência e delicadeza; porém, por mais prazer que tivesse nelas, não se deixava surpreender facilmente no desejo de querer exercê-las.<sup>21</sup>

Dois pontos reforçam a prioridade dos assuntos da filosofia: o preparo para a ação e a ênfase em não se reter demasiadamente nos estudos das artes e nem delas fazer profissão, já que, por mais qualidades que tenham ou agradáveis que sejam, não são indicadas para um “*hábil homme*”. No exemplo da educação de Alexandre, o realce continua sendo o mesmo e é, novamente, desenhado pela relação entre virtude e ação. Alexandre logo deixará o mestre e seguirá com sua “munição” ética para a conquista do mundo. Dessa forma, o conhecimento das virtudes não ficará guardado na memória ou nas palavras, e sim, imediatamente será transformado em ação. É este, também, o objetivo de Montaigne.

Tanto nas referências aos assuntos concernentes à filosofia moral, quanto no exemplo da educação de Alexandre, importa notarmos que não se trata da transmissão de prescrições normativas. A utilidade da filosofia reside na sua condição de engendrar a reflexão sobre os parâmetros da conduta e dos juízos. Os temas morais presentes nas várias filosofias, uma vez conhecidos e submetidos ao crivo<sup>22</sup> próprio de cada um, transformam-se em matéria essencial para o exercício do julgamento. Trata-se de perscrutar a filosofia visando uma sabedoria prática, que ensine

---

21 MONTAIGNE. *Ensaios*. Livro I, 26. p. 244. *Les Essais*. p. 163.

22 O “crivo” é uma referência ao ceticismo e diz respeito ao processo investigativo necessário para evitar tomar qualquer doutrina ou princípio filosófico como certo e inquestionável.

a viver e a morrer<sup>23</sup>:

[...] reunir em um registro [...] as opiniões da filosofia antiga sobre o tema de nosso ser e de nossos costumes, suas controvérsias, a influência e o seguimento das escolas, a aplicação de seus preceitos na vida dos autores e seguidores, em ocorrências memoráveis e exemplares. Que obra bela e útil seria!<sup>24</sup>

Apesar de “bela e útil” obra, o lugar que Montaigne confere à filosofia no tradicional quadro das artes liberais e entre as matérias do *studia humanitatis* não o dispensa de apresentar o que julga ser empecilho para a adesão incondicional à posição que defende. Na intersecção entre a “verdadeira filosofia” e os outros saberes fica delineada a superior utilidade dos assuntos filosóficos, mas permanece, ainda, uma dificuldade adicional, um entendimento equivocado, “tanto por opinião como de fato”, em relação aos assuntos e procedimentos dos estudos filosóficos. Este equívoco tem a mesma raiz daquele mencionado anteriormente, decorrente da forma como a filosofia é comumente entendida. Todas as vantagens da “verdadeira filosofia”, relacionadas à sua facilidade e à sua eficiência, só serão evidenciadas quando se empreender o trabalho de desobstrução na maneira como é

---

23 No capítulo “Que filosofar é aprender a morrer”, Livro I dos *Ensaios*, Montaigne trava instigante polêmica com a tradição helenística, com o platonismo e com o cristianismo em torno do tema da morte e de como a filosofia, convertida em reflexão ética, se constitui como sabedoria de vida. Conferir em Orione, E. J. de M. *A meditação da morte em Montaigne*. Tese de Doutorado. São Paulo; FFLCH/USP, 2012. Ver também VAZ, L. *A simulação da morte: versão e aversão em Montaigne*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

24 MONTAIGNE. *Ensaios*. Livro II, 12. p. 367-369. *Les Essais*. p. 577-378.

tradicionalmente abordada e estudada: “É singular que em nosso século as coisas sejam de tal forma que a filosofia [...] seja um nome vazio e fantástico, que se considera de nenhum uso e de nenhum valor [...] Quem a mascarou com esse falso semblante, lívido e medonho? ”<sup>25</sup>.

Em assinatura crítica, os destinatários da resposta montaigniana são tanto os pensadores do passado quanto os de sua época. Indistintamente, envolve todos aqueles que creditam à filosofia um viés obscuro e dogmático. A filosofia que se restringe à dialética, aos silogismos da lógica; enfim, a tradição filosófica apresentada em roupagem erudita e doutrinária, não proporciona, ou só o faz muito indiretamente, a ligação com os assuntos da vida. Todos os desvios traçados nesse tipo de abordagem alteram a feição da filosofia e fecham o seu verdadeiro e fácil acesso, acarretando a impressão, de fato acertada quando dirigida a esta filosofia despregada da realidade, de que ela não tem valor ou utilidade. Além disso, ao ampliar o alcance da crítica ao modo típico de seus contemporâneos, e, completamente estranho aos antigos, de se relacionar com a filosofia, Montaigne afirma ser este equívoco também extensivo às ciências. O critério de adesão a determinado conhecimento não está nele propriamente ou no crédito conferido por autêntico julgamento, mas nas vantagens decorrentes de fatores alheios ao próprio saber:

A liberdade e a galhardia daqueles espíritos antigos criavam na filosofia e nas ciências humanas [*sciences humaines*] muitas facções com ideias diferentes, com todos pondo-se a julgar e a escolher para tomar partido. Mas atualmente [C] que os homens

---

25 Id., *Ensaios*. Livro I, 26. p. 240. Ibid., p. 160.

andam todos no mesmo passo [...] e [A] que acolhemos as artes por autoridade e ordens civis, [C] de tal forma que as escolas têm um único orientador e a mesma instrução e disciplina circunscritas, [A] já não se olha mais o que as moedas pesam e valem, mas cada qual por sua vez as aceita de acordo com o valor que a aprovação comum e o câmbio lhes dão. Não se defende a liga e sim o uso; assim se admitem por igual todas as coisas.<sup>26</sup>

Para se enxergar novamente os atributos da “verdadeira filosofia” será preciso limpar seu acesso e, igualmente, reaproximá-la da vida de quem se empenha em apreendê-la. Uma vez feito isso, imediatamente se perceberá que sua primeira utilidade consiste, justamente, em animar aqueles que dela se aproximam: “Não há nada mais alegre, mais jovial, mais vivaz e quase digo brincalhão. Ela só prega festas e bons momentos. Uma fisionomia triste e intíriçada mostra que não é ali sua morada.”<sup>27</sup> A marca peculiar da filosofia se materializa na jovialidade e na alegria de quem a pratica. Se há sisudez, ali ela não se faz presente, ou ainda pior, uma face em manifesta gravidade pode ser sinal do embotamento gerado por demasiado tempo dedicado a assuntos que pouco acrescentam ao viver bem e à “saúde da alma”.

No capítulo “Do pedantismo”, Livro I, 25, este argumento é afiançado pela menção ao fato dos pedantes, impregnados de cultura livresca, estarem sempre encurvados e com a alma embaralhada, o que, de certa forma, alude à tristeza e sisudez, revelando a perda de foco dos seus estudos e do ensino que praticam. De modo mais irônico e contundente, o mesmo mote

---

26 Id., *Ensaios*. Livro II, 12 p. 340. Ibid., p. 559.

27 Id., *Ensaios*. Livro I, 26. p.240. Ibid., p. 160.

está presente na anedota do gramático que, ao se deparar com um grupo de filósofos, fica intrigado com o estado de ânimo alegre em que estes se encontram:

Demétrio o Gramático, encontrando no templo de Delfos um bando de filósofos sentados juntos, disse-lhes: “Ou me engano ou, vendo vossa atitude tão tranquila e tão alegre, não estais em grande discussão entre vós.” Ao que um deles, Heráclio de Mégaria, respondeu: “Os que precisam falar a frente ao conversarem sobre sua ciência são os que [...] procuram a derivação dos comparativos [...] e dos superlativos [...]. Mas, quanto às reflexões da filosofia, elas costumam alegrar e divertir os que as abordam, e não amuar e contristar.<sup>28</sup>

As palavras de Heráclio de Mégara, interlocutor do gramático, arrematam o percurso do argumento. A sisudez do gramático é o sintoma do veneno que atingiu a alma e, aqui, tal indício é revelado pela crítica montagniana: o esforço e o apego a uma ciência difícil e cheia de detalhamentos deixam o humor comprometido, sem trazer resultados proveitosos. A imagem do gramático é exemplar em reapresentar o que antes foi criticado no estudo das artes e ciências e, por outro lado, vem justificar o primado da filosofia. Ainda na mesma passagem, há o contraponto representado pelo contentamento dos participantes das discussões filosóficas. O que há na filosofia que proporciona jovialidade e divertimento? Segundo Montaigne, a atividade própria da filosofia consiste em refletir sobre os movimentos da alma e do corpo que resultam em ações, prazeres e sofrimentos, permitindo-

---

28 Ibid., p. 240. Ibid., p. 160.

nos adquirir autoconhecimento dos nossos afetos, dos nossos movimentos internos. Conhecendo-os nos tornamos ativos em relação a eles, regulando-os e apaziguando-os. A reflexão filosófica relativa às virtudes morais (sabedoria prática) é incorporada, sobretudo, através da moderação, como um hábito (uma maneira fácil e prazerosa) de condução dos movimentos do corpo e da alma. É este ganho reflexivo que leva Montaigne a afirmar que a filosofia é formadora de costumes e de julgamento. O estudo dos assuntos filosóficos traz alegria à alma na medida em que ensina “a se conhecer e a saber morrer bem e viver bem” por meio da conciliação entre a vida e o que nos é natural e espontâneo, ao que nos é próprio. Assim, a interface entre a filosofia e a vida, ao instigar a experiência da autorreflexão, estimula o conhecimento de si e o fortalecimento do julgamento moral.

Na sequência imediata da interlocução entre o filósofo e o gramático, é possível acompanhar um novo incremento da utilidade da filosofia. Montaigne introduz o argumento que virá completar o vínculo da filosofia com a alegria e a tranquilidade, expressas nas atitudes de quem dela se aproxima, enquanto que, em sentido oposto, no gramático vemos refletir em seu semblante o desprazer da arte que exerce. O recurso a uma citação de Juvenal permite introduzir o tema das trocas mútuas entre corpo e alma, cuja pauta reflexiva também encontra lugar na “verdadeira filosofia”: “Nas afecções do corpo podem-se captar os tormentos secretos da alma; nelas se podem captar também suas alegrias: o semblante reflete tanto um como o outro.”<sup>29</sup> Resta aqui uma conexão de mão dupla e influências recíprocas entre alma e corpo, na qual aquela pode prestar bons serviços a este e vice

---

29 *Sátiras*, IX, 18. Ibid., p. 240. Ibid., p. 161.

versa: “[B] Com que proveito desmembramos em divórcio uma estrutura tecida com tão cerrada e fraternal correspondência?”<sup>30</sup>. A satisfação mútua da aliança entre o corpo e a alma encontra auxílio na reflexão filosófica<sup>31</sup> e a insatisfação é representada pela dedicação à gramática. A utilidade da filosofia se reafirma, então, nos benefícios que pode proporcionar em termos de saúde e tranquilidade no tratamento das paixões e suas consequências para o corpo e para a alma. Em escrita de filiação epicurista<sup>32</sup>, o belo elogio à filosofia corrobora isso:

[A] A alma que aloja a filosofia deve, por sua saúde, tornar sadio também o corpo. Deve fazer reluzir para fora de si seu repouso e bem estar; deve conformar ao seu molde o comportamento externo, e consequentemente armá-lo com uma força amável, com uma atitude ativa e alegre e com uma expressão contente e amena.  
[C] A marca mais expressa da sabedoria é um júbilo constante;

---

30 Id., *Ensaios*. Livro III, 13. p. 498. Ibid., p. 1114. Também no Livro III, 13. p. 473. *Les Essais*. p. 1098.

31 No capítulo “Sobre versos de Virgílio” a reciprocidade corpo e alma estende-se ao compromisso de ajuda de um para com outro: “[C] Em tal caso, nos prazeres corporais, não será injustiça esfriar a alma e dizer que seja precioso arrastá-la para eles como para alguma obrigação imposta e servil? Antes deve alimentá-los e aquecê-los, apresentar-se e propor-se a eles, pois lhe cabe a tarefa de governar; assim como, em minha opinião, cabe a ela, nos prazeres que lhe são próprios, inspirar e infundir no corpo todo o sentimento que a natureza deles comporta, e empenhar-se para que eles lhe sejam doces e salutares. Pois é bastante razoável, como se diz, que o corpo não siga seus apetites com prejuízo do espírito, mas por que também não será razoável que o espírito não siga os seus com prejuízo do corpo?” Id., *Ensaios*. Livro III, 5. p. 161-162. Ibid., p. 893.

32 Conferir em Hadot. P. *La philosophie comme manière de vivre*. Paris: Albin Michel, 2001. p. 166.

seu estado é como o das coisas acima da Lua: sempre sereno. [A] [...] Como? Ela faz profissão de serenar as tempestades da alma e de ensinar a fome e as febres a rirem, não por alguns epiciclos imaginários, mas por razões naturais e palpáveis.<sup>33</sup>

Mesmo tendo em conta a presença das citações e referências indiretas a Epicuro em vários capítulos dos *Ensaios*, o que poderia nos levar à hipótese do acolhimento dessa “maneira de viver” como guia para a vida, não é possível tomar Montaigne como um epicurista. Há aproximações e afastamentos; por exemplo, Montaigne considera Epicuro extremamente austero quanto ao regramento dos prazeres, posto que, para o ensaísta, alguns excessos até podem ser encarados como demonstração de vigor e mesmo de autocontrole. O próprio Montaigne descarta a possibilidade de adesão a uma tendência filosófica (lembremos do crivo); todas as filosofias, e cada uma a seu modo, podem ter utilidade conforme as solicitações das circunstâncias, não havendo nenhum tipo de preocupação em construir elos de ligação ou pontos de conciliação entre elas.

A verdadeira filosofia estreita o intercâmbio natural entre a alma e o corpo<sup>34</sup> e o mantém sob a tutela de sua sabedoria e regra

---

33 MONTAIGNE. *Ensaios*. Livro I, 26. p. 241. *Les Essais*. p. 161.

34 No “Da presunção” cabe à alma o papel de conselheira e assistente do corpo: “Os que querem desunir nossas duas peças principais e afastá-las uma da outra estão errados. Ao contrário, é preciso reacoplá-las e reuni-las. É preciso ordenar à alma não que se ponha apartada, que se ocupe sozinha, que menospreze e deixe de lado o corpo (ademas ela só poderia fazê-lo por alguma simulação distorcida), mas que se alie a ele, que o abrace, assista, controle, aconselhe, corrija e reconduza quando ele se extraviar, em suma que o despose e lhe sirva de marido, para que as ações de ambos não pareçam diversas e contrárias mas sim concordes e uniformes.” Id., *Ensaios*. Livro II, 17. p. 460

de moderação: “[B] A filosofia não luta contra as voluptuosidades naturais, contando que lhes seja juntada a justa medida, [C] e prega a moderação nelas, não a fuga: [B] a força de sua resistência volta-se contra as estranhas e bastardas.”<sup>35</sup>. Em síntese, a utilidade da filosofia consiste em ensinar a viver bem, em colocar em conformidade as virtudes morais e os prazeres naturais.

### 3. Acesso à Filosofia

Por todas as utilidades que a filosofia oferece, Montaigne afirma ser um contra-senso adiar o contato com os discursos filosóficos. Não há porque furtá-la ou obstruir seu acesso aos mais jovens. “[A] Pois que a filosofia é a que nos ensina a viver e a infância tem nela sua lição, como as outras idades, por que não lha transmitimos?”<sup>36</sup>. Esta pergunta, se já positivamente respondida a partir dos benefícios proporcionados pela filosofia, solicita que se apresentem, ainda, justificativas na perspectiva da capacidade dos “mais jovens” para assimilar a filosofia.

São basicamente três os argumentos que corroboram o contato precoce com a filosofia. Os dois primeiros dizem respeito diretamente à condição infantil: primeiro, a infância é um momento apto à modelagem do caráter; segundo, a criança tem capacidade para aprender filosofia. O último, e aqui mais relevante, diz respeito à própria filosofia – sua contribuição para os temas urgentes da vida e o pouco tempo disponível para a educação.

Tomemos o primeiro argumento, relativo à formação do

---

- 461. Ibid., p. 639.

35 Id., *Ensaios*. Livro III, 5. p. 160. Ibid., p. 892.

36 Id., *Ensaios*. Livro I, 26. p. 243. Ibid., p. 163.

caráter. À indagação de Montaigne sobre o motivo de ainda não se ter proporcionado o contato da filosofia às crianças segue-se um empréstimo de Pérsio: “[B] A argila é mole e úmida; depressa, depressa, apressem-nos e moldemo-la na roda rápida que gira sem fim.”<sup>37</sup>. Semelhante à argila, a criança é suscetível de ser modelada, mas, como a argila, a resistência ao molde aos poucos vai se consolidando e o caráter, moldado ou não por uma boa educação, estará formado. Mais eficiente será a ação educativa, principalmente no tocante à moralidade, quanto mais cedo se iniciar o trabalho de moldar o caráter ainda flexível.

Quanto ao segundo argumento, admitindo-se o contato com a filosofia como indispensável para a reflexão sobre a condução da vida, torna-se “um grande erro pintá-la inacessível às crianças”<sup>38</sup>. Mas, para que este erro seja superado ou evitado, ainda um obstáculo precisa ser vencido. Não parecem infundadas as suspeitas de que a criança é incapaz de assimilar os discursos da filosofia. Certamente, uma criança pequena não tem condições de aprender a filosofia da forma como é tradicionalmente ensinada (as sutilezas espinhosas da dialética). Entretanto, já não se trata de ensinar a filosofia escolar e sim a “verdadeira filosofia”, então a ignorância, a ingenuidade e a imaturidade intelectual não constituem empecilho. Em perspectiva montaigniana, a figura de Sócrates pode aqui ser lembrada para confirmar que a ignorância, antes de impedir, compõe, juntamente com a curiosidade e o interesse, as condições básicas para o estudo da filosofia. De outra parte, e este é o argumento forte, os assuntos da filosofia tornam-se acessíveis ao receberem um tratamento apropriado à

---

37 *Sátiras*, III, 23. Ibid., p. 243. Ibid., p. 163.

38 Ibid., p. 240. Ibid., p. 160.

capacidade e aos interesses infantis:

[A] [...] eliminai todas as sutilezas espinhosas da dialética com que a nossa vida não pode melhorar, tomai as simples reflexões da filosofia e sabei escolhê-las e abordá-las corretamente: são mais fáceis de compreender que um conto de Boccaccio: Uma criança é capaz disso, tão logo deixe a ama, muito mais que de aprender a ler e escrever. A filosofia tem reflexões tanto para o nascimento dos homens como para a decrepitude.<sup>39</sup>

Se, por um lado, a urgência no contato com a filosofia se deve ao curto período de tempo disponível para a formação do caráter (tem um motivo interno à criança), por outro, a urgência também se faz por causas externas, ligadas às ocorrências e às exigências da vida. Assim, o terceiro argumento em defesa do contato precoce com a filosofia reside no fato de seus benefícios possuírem por alvo imediato a moralidade (“direta e profissionalmente”), a que é preciso chegar sem perda de tempo. As lições da filosofia devem começar cedo, de forma urgente e prioritária, pois a vida com suas exigências e armadilhas não espera. “[A] Ensinam-nos a viver quando a vida já passou. Cem escolares terão contraído sífilis antes de chegar à sua aula de Aristóteles sobre temperança.”<sup>40</sup>.

Retomando mais uma vez o exemplo de Alexandre, vemos que Aristóteles rapidamente o instruiu para encarar os desafios da vida e deixou-o partir ainda “criança” para a conquista do mundo. Tal como fez Aristóteles com seu pupilo, assim também

---

39 Ibid., p. 244. Ibid., p. 163.

40 Ibid., p. 244. Ibid., p. 163.

Montaigne recomenda que se proceda. A formação moral não pode esperar: “[C] Nossa criança está bem mais apressada: ela deve ao pedagogismo apenas seus primeiros quinze ou dezesseis anos de vida; o restante é devido à ação.”<sup>41</sup>. Aqui encontramos a crítica aos estudos que desperdiçam tempo em programas supérfluos e pouco úteis para capacitar o julgamento moral e, mais ainda, encontramos o apelo no sentido de se concentrar no que é relevante para a vida.

Há ainda uma última recomendação relacionada à urgência do contato com a filosofia, agora relacionada aos procedimentos para acessá-la: é preciso cuidar para que tão importante convivência não fique à mercê da rigidez disciplinar e programática comum há época. A contraposição às normas, à reclusão e aos programas de estudo reside na proposta de uma “nova maneira” de acesso para a filosofia: sem lugar específico, sem tempo determinado e sem sistematização. Muitos são os objetos da filosofia e muitos são os seus lugares e as maneiras de aproximação: “Para o nosso [...] todas as horas lhe serão iguais, todos os lugares lhe serão estúdio: pois a filosofia, que como formadora dos julgamentos e dos costumes, será sua principal lição, tem o privilégio de imiscuir-se por toda parte”<sup>42</sup>.

A filosofia, como não se refere a um saber específico (ao contrário da ciência, que tem alcance delimitado por seu objeto), pode se debruçar sobre qualquer fato ou assunto, sendo apta a investigar o que quer que se lhe apresente. Estar em toda parte constitui vantagem que não pode ser desprezada, pois, segundo Montaigne, é na frequentação dos homens e na diversidade de

---

41 Ibid., p. 244. Ibid., p. 163.

42 Ibid., p. 246. Ibid., p. 164.

suas atividades, saberes e modos de vida que se colhe a matéria prima para o exercício do julgamento. E, mais que qualquer outro saber, a filosofia, presença de todas as horas e lugares, traz as condições de abordar diretamente as demandas do homem de vida ativa (seus costumes, suas ocupações, seus códigos de conduta social).

## Referência Bibliográfica

- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- BRANDÃO, C. A. L. *Quid Tum? O combate da arte em Leon Battista Alberti*. Belo Horizonte, Ed. Unesp, 2000.
- CARDOSO, S. *Montaigne: uma ética para além do humanismo. O que nos faz Pensar*, Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, RJ, nº 27, p. 257-278, maio 2010.
- EVA, L. *A figura do filósofo: ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo, Loyola, 2007.
- GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*. Tradução de Isabel Teresa Santos e Hossein S. Shooja. Lisboa, Estampa, 1994.
- \_\_\_\_\_. *L'Education de l'homme moderne: la pédagogie de la Renaissance 1400-1600*. Tradução de Jacqueline Humbert. Paris, Fayard, 1968.
- HADOT. P. *La philosophie comme manière de vivre*. Paris, Albin Michel, 2001.
- KRISTELLER, P. O. Humanism. In: SCHMITT, C. B.; SKINNER, Q.; KESSLER, E. (Ed.). *The Cambridge history of Renaissance philosophy*. Cambridge University Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. Humanism and Moral Philosophy. In: RABIL Jr., A. (Ed.) *Renaissance Humanism. Foundations, forms and legacy*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1991. v.3.
- MONTAIGNE, M. *Les Essais*. Éd. Pierre Villey. Paris, PUF, 1999. v. I.
- \_\_\_\_\_. *Les Essais*. Éd. Pierre Villey. Paris, PUF, 1999. v. II.
- \_\_\_\_\_. *Les Essais*. Éd. Pierre Villey. Paris, PUF, 2002. v. III.
- \_\_\_\_\_. *Os Ensaios*. Tradução de Rosemary C. Abílio. São Paulo, Martins Fontes, 2002. v. I.

\_\_\_\_\_. *Os Ensaios*. Tradução de Rosemary C. Abílio. São Paulo, Martins Fontes, 2000. v. II.

\_\_\_\_\_. *Os Ensaios*. Tradução de Rosemary C. Abílio. São Paulo, Martins Fontes, 2001. v. III.

ORIONE, E. J. de M. *A meditação da morte em Montaigne*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), 2012.

PINTO, Fabrina M. O *De ratione studii* (ou *Plano de Estudos*), de Erasmo de Rotterdam. *Letras Clássicas*, São Paulo, v. 13, p. 29-47, 2013.

RUMMEL, E. *The humanist-scholastic debate in the Rainassenc and reformation*. Cambridge, Harvard University Pres. 1998.

SCORALICK, A. *Experiência e moralidade no último dos Ensaios de Montaigne*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo (FFLCH/USP), 2008.

VAZ, L. *A simulação da morte: versão e aversão em Montaigne*. São Paulo, Perspectiva, 2011.